

## CAPÍTULO 1

Ventos de Junho  
27 de junho de 1992

O vento gelado de junho doeu em seu rosto. Aew

Diminui os passos e parou ali na calçada. Sentiu que precisava gravar aquele momento exato. Sentiu ou só pensou. Era uma intuição ou impressão intensa de que aquele segundo não podia ser esquecido.

No alto de um prédio o relógio marcava exatamente 19h46. Por vida das dúvidas, memorizou: 19h46.

O relógio sem indicar os segundos dava a impressão de que o tempo tinha congelado. E se o tempo pudesse congelar mesmo? E se os minutos nunca mais passassem? Aquela seria a hora perfeita para as horas pararem.

Empenho, destino, um pouco de sorte e muita paciência tinham levado a esse momento exato: às 19h46 dessa noite de sábado com vento gelado de junho onde tudo estava perfeito. Ou quase perfeito. Podia viver para sempre na quase perfeição das 19h46.

Mas o minuto virou 47 e Mariana largou aqueles delírios bobos ali na calçada. Voltou a caminhar, sorrindo discretamente das besteiras que a gente pensa.

Ele caminhava atrás dela. Acelerou o passo e agarrou seu braço, puxando-a com firmeza até ficarem frente a frente, próximos demais, quase disputando o mesmo ar frio de junho.

- A gente já se conhece, não é?

Edu e aquele tom acusador, como se desconfiasse de um segredo ou um crime, olhar fixo, penetrante, difícil de sustentar. Dava até medo.

Mariana ficou sem resposta. Doía a pressão no braço, doía o coração acelerando, doía não poder contar.

É claro que se conheciam. Mas era importante que ele descobrisse sozinho. Ela desviou o olhar antes que falasse o que não devia. Conseguiu devolver a pergunta com ironia e o momento passou.

- Por quê? Você acha que me conhece?

Ele soltou seu braço, simplesmente largando, sem qualquer delicadeza e com uma risada alta. Ele era isso. Ausência de sutilezas, passando de uma emoção a outra em segundos. Intenso, dramático. Contagiante, quando animado. Cruel em momentos de raiva. Não tinha meio-termo. Não tinha mais ou menos. Falava alto, ria alto, brigava alto. Naquele trecho mais vazio da rua da Consolação, Edu fazia eco.

- Sei lá. Acho que é de tanto ouvir você dizer “a gente já se conhece, Edu! A gente já se conhece!”. Lembra? ,

Ela riu da imitação, impressionada por ele ainda se lembrar. Aquilo já fazia tantos anos...

Edu consultou o relógio e propôs, alto:

- Ainda tenho meia hora. Café Mona Lisa pra fechar a noite?

Ela concordou depressa. Café Mona Lisa. Perfeito. Às 19h46 teria recusado, teria preferido ficar ali mesmo e abrir o jogo de uma vez, no meio da rua. Mas agora, alguns minutos mais velha, teve a maturidade de aceitar um café “pra fechar a noite”.

Caminharam mais três quadras e só Mariana congelava. Edu, incandescente, voltava a analisar o filme que tinham visto horas antes.

Entraram no café e todo mundo parou, observando. Ou Mariana achou que todo mundo parou. Ela sempre achava que todos paravam, observando, quando Edu chegava. Ele não era tão lindo, nem alto, nem célebre, nem tinha qualquer detalhe que o destacasse.

Mentira. Tinha um detalhe sim: o nariz. Exagerado, desarmônico, escandaloso como Edu, dava um sotaque francês a sua aparência. E havia um carisma, do tipo que te obriga a olhar a pessoa e nunca mais esquecer seu rosto. Cabelos muito pretos, corte clássico, mas cheios, lisos, eternamente bagunçados, a palidez dos que vivem mais à noite e quase sempre um cigarro à mão. Edu era um galã de cinema francês antigo e cheio de nariz. Com alguns fios precoce de cabelo branco, muitas marcas de expressão, olhar experiente e expressivo, ele aparecia bem mais do que seus 34 anos.

O problema é que Mariana era o oposto: parecia mais nova do que era e odiava isso. Por mais que tentasse mudar, continuava com aquele ar infantil, quase bobo. De rosto arredondado, cabelos castanhos cheios e ondulados, olhos grandes de expressão meio ingênuos, Mariana aparecia menos do que seus 19 anos.

Devia ser por isso que olhavam. Ou ela achava que olhavam. Porque lá vinha a estranha dupla: o galã francês meio gasto, barulhento e carismático, e a virgem de cinema mudo que o olhava com adoração. O que eram aqueles dois? Ficavam à parte, alheios ao mundo, concentrados um no outro, sentados frente a frente, com o interesse de um primeiro encontro e a intimidade de toda uma vida.

Ivone, dona da cafeteria, trouxe dois cafés, um puro e um com leite, sem que eles pedissem. Conhecia Edu há anos e Mariana há menos tempo, mas já sabia as preferências de cada um. Bonita, com seus trinta e poucos anos e um sorriso marcante, Ivone era a “Mona Lisa” que dava nome ao lugar. Ideia do seu marido que a chamava assim.

- Trabalhando no sábado, Ivone?

- Pra você ver, Eduardo...

- Ah, mas assim não pode... Cadê o marido?

- O Leonardo está no caixa hoje.

Ivone sorriu para Mariana, depois para Edu, até que a chamaram em outra mesa. Ele voltou a ficar agitado, inquieto. Mariana riu.

- Você devia ter pedido um chá pra se acalmar.

- Odeio chá! E me dá um desconto, Mari. Estou ansioso!

- É, o cientista vai virar cobaia...

- Você acha pouco? Olha, você só está nessa pesquisa há um ano. Mas eu estou há quase três! Três anos! Foram tantas regressões, tantos voluntários, tantos relatos... Acho que já ouvi de tudo. Mesmo assim, dá um... Sei lá...

- Medo?

Ele não queria admitir que sim, dava medo. Porque Carlos Eduardo de Castro não sente medo. Sua resposta foi uma risada. Alta. Mas ninguém notou. Em uma das mesas, começou um coro de “parabéns a você” e não se ouvia mais nada. Eduardo se contagiou e até colaborou com as palmas. Mas não tinha esquecido a conversa.

- Medo? Eu não tenho “medo” de regressão. Se eu tivesse medo, não teria nem começado essa pesquisa. O que eu tenho é mais uma... apreensão.

Medo. Ela entendia, pois tinha sentido medo também.

- Você vai ver quando for sua vez, Mari.

Tarde demais. E era horrível esconder isso dele, quebrar sua confiança assim.

Todos os envolvidos na pesquisa tinham concordado em não se submeterem a uma regressão a vidas passadas até que a primeira fase do trabalho terminasse. Era uma forma de manter a objetividade e evitar o risco de sugestionar algum voluntário. Mas Mariana tinha violado o compromisso com a ajuda de Tomás, que conduziu sua regressão em segredo meses antes.

De repente teve o medo ilógico de que ele pudesse ouvir seus pensamentos. Tentou se concentrar na música que tocava no rádio. *“Eu hoje joguei coisa tanta coisa fora... Eu vi o meu passado passar por mim...”* O destino ria.

- Mari, desculpe, mas a gente vai ter que ir. Já são nove horas.

Ele fez um sinal para Ivone trazer a conta e ela devolveu com o clássico gesto de “*depois você acerta*”. Saíram do café juntos e todos observaram. Ou Mariana esperava que sim.

Na saída, ele teve o impulso de oferecer o braço, imitando esquecidas galanterias. Caminharam as quatro quadras seguintes de braços dados e sem pressa, como um casal antigo.

- Vou te contar uma coisa. Eu gosto de você com esse sobretudo preto, meio clássico. Sabe o que você parece? Um galã de filme noir.

Ele gostou da imagem.

- Sério? Eu gosto desse sobretudo também. Comprei num brechó.
- Tá lindo. Vai arrasar na... nesse... nesse negócio que você vai, esqueci o que é.
- Reencontro de ex-alunos da Faculdade de Filosofia. Pessoal que se formou comigo em 81.

Em 1981? Mariana ficou desconfortável. Não gostava de falar sobre datas, passado. Fosse o passado dele ou dela. Não queria Edu fazendo contas, se lembrando dos 15 anos de diferença entre eles.

- Onde você deixou seu carro?
- Na próxima quadra, já está perto. Dá pra ver daqui.

Chegaram ao carro e Eduardo voltou a oferecer uma carona.

- É sério, não precisa mesmo. O metrô é aqui do lado. Chego em casa em trinta minutos.

Ele não insistiu. E ali, ao lado do carro, ficaram. Ninguém se despedia. Ele podia falar alguma coisa, mas não falava. Podia ir embora, mas não ia. Nem ela. Frio de junho. Sobretudo antigo. Edu tão perto... Podia sentir o cheiro de café, cigarro e brechó quando ele perguntou:

- Segunda-feira a gente conversa?
- Segunda-feira.

- Eu tenho reunião o dia inteiro, devo acabar no final da tarde, umas seis e pouco. Mas eu te ligo pra contar como foi e... a gente vê o que faz.

Ele entrou no carro, mas logo abaixou o vidro e a chamou de volta.

- Mas é o seguinte, dona Mariana. Amanhã à noite o Paolo vai conduzir minha regressão. Dependendo do que você aprontou comigo em outras vidas...

- Quem disse que encontrei você em vidas passadas?

Ele riu com fingida irritação.

- É meio óbvio! Você é um encosto, um karma na minha vida! Em todas as vidas, provavelmente!

O barulho do carro partindo quase abafou o final, mas ainda conseguiu ouvir o “provavelmente”. Percebeu que muitos segundos já tinham passado e continuava ali, parada na rua agora quieta, com um sorriso difícil de desfazer. Estava feliz? Provavelmente...

O frio tinha ficado mais intenso. Talvez uns 10 ou 11 graus. Foi andando sem pressa e quando chegou à estação de metrô não quis entrar. Estava acelerada demais pra ficar parada dentro do vagão. Queria contar pra todo mundo, parar as pessoas na rua e contar, drenar um pouco daquela emoção que nela não cabia mais...

“Em todas as vidas!” Impossível imaginar anos antes, o racional e incrédulo Edu dizendo algo assim. Mas todo o resto também pareceu impossível desde o começo.

Esse pensamento provocou um sentimento forte, um desejo quase desesperador de acalentar a si mesma de nove anos antes, afastar seus medos e lhe dar uma certeza:

– Vai ser tudo exatamente como você imaginou!